

BABEL E PENTECOSTES: ENTRE A INVERSÃO E A RENOVAÇÃO COMUNICATIVA

*Marcelo da Silva Carneiro**

Resumo

Quando comparamos os textos de Gn 11,1-9 e At 2,1-13, vemos um tipo e um antítipo de mitos sobre comunicação, um invertendo e complementando o outro. A Torre de Babel representa as dificuldades de comunicação como resultado das lutas de poder, enquanto o Pentecostes significa a confluência comunicativa a partir da igualdade, superando barreiras étnicas, de gênero e similares. Em comum a esses dois eventos a interação entre o divino e o humano e o desejo de Deus se comunicar com a humanidade. Este artigo procura demonstrar essa relação, utilizando a sincronia como ferramenta exegética, como resposta para as dificuldades da comunicação no mundo contemporâneo. Apesar dos textos bíblicos terem nascido em tempos e situações diferentes é possível analisá-los a partir de um olhar sincrônico, considerando que textos posteriores são, de algum modo, respostas, reações ou interpretações de produções anteriores. Na concepção de Northrop Frye, a Bíblia é um livro que deve ser compreendido na sua integralidade.

Palavras-chave: *Comunicação. Cânon bíblico. Leitura sincrônica. Torre de Babel. Glossolalia.*

Abstract

When we compare the texts of Gn 11 and Act 2, we can see a type and antitype of myths about communication, one inverting and complementing another. The Tower of Babel represents the difficulty of communication because of power struggles while the Pentecost means the communicative confluence since the equality, overcoming ethnical, of genre and equivalent barriers. In common to these two events the interaction between the divinity and the human and the God's desire to communicate with the humankind.

* Doutor em Ciências da Religião pela UMESP, Mestre em Teologia pela PUC-Rio, Teólogo Metodista.

This article pretends show this relation, using the synchrony as exegetical tool, as answer to difficulties of communication of contemporary world. Despite the biblical texts was born in different times and situations, is possible to read them since a synchronic approach, taking into account that the subsequent texts are, somehow, answers, responses or interpretations of previous literary productions. According Northrop Frye, the Bible is a book that must understand in its integrality.

Keywords: *Communication. Biblical canon. Synchronic approach. Tower of Babel. Glossolalia.*

Introdução

Ao analisar a maioria dos conflitos que ocorrem no mundo hoje, seja de natureza política, econômica ou religiosa, percebe-se que o principal obstáculo para a paz e a harmonia é a comunicação entre as partes. Pode ser apenas duas pessoas no microcosmo da família, ou dois grupos representados por países ou religiões. Seja como for, a capacidade humana para se comunicar com o diferente é muitas vezes cegada por seu desejo de dominação sobre o outro. Pensando nisso é que decidimos selecionar dois textos bíblicos que a princípio não têm relação um com o outro, mas que analisados de forma mais acurada acabam mostrando serem espelhos. Em Gn 11,1-9 encontramos a narrativa da Torre de Babel, uma história de origens que mostra a divisão das línguas; e em At 2,1-13 temos a descida do Espírito Santo no Pentecostes, sobre homens e mulheres que estavam juntos buscando a Deus, e ao receber o dom falam em outras línguas. Em comum aos dois relatos está a questão do falar outro idioma, ser entendido ou não, unir-se ou separar-se devido a isso.

Para não deixarmos a dimensão exegética de lado, optamos por acolher o método de leitura sincrônica da Bíblia. O autor que vamos indicar como base para nossa análise é Northrop Frye, na obra *Código dos Códigos. A Bíblia e a Literatura*. A partir dele vamos pensar nestas duas narrativas indicadas acima como antíteses que sintetizam a ideia da comunicação entre Deus e a humanidade. Mesmo assim, cada texto será analisado por si, especialmente na abordagem narrativa, para percebermos como eles foram elaborados e a mensagem que desejavam passar. Ao final do artigo, um pequeno, mas sugestivo, quadro apresenta essa relação entre os textos, mostrando como Atos relê Gênesis e a tradição da Torre de Babel.

Ambos os textos podem nos ajudar a interpretar nosso tempo, onde a distância geográfica é vencida pela internet, e temos a falsa impressão de que as diferenças culturais deixaram de existir, quando na verdade há muitas diferenças que persistem e dificultam a comunicação. O desafio do mundo contemporâneo não é mais reconhecer as diferenças, mas superá-las.

1. Lendo a Bíblia pelo método sincrônico: um ponto de partida

Há na atualidade uma abordagem para a leitura da Bíblia que, de certo modo, privilegia o leitor comum. Nesse modo de ler o texto das Escrituras não se leva em conta as camadas redacionais que formaram os livros como os conhecemos hoje, nem a diferenciação, num primeiro momento, da época e contexto cultural onde eles nasceram. A essa leitura se dá o nome de sincronia, a visão da Bíblia como um livro acabado, devido à natureza peculiar que a tornou canônica. Ao adotar o cânon bíblico, tanto judeus quanto cristãos admitem o conjunto de livros como uma grande unidade geradora de sentido para a fé. Daí inclusive a possibilidade de elaborar amplas teologias que se utilizam de diferentes textos de maneira igualitária e quase uniforme. Para os cristãos isso ocorre ampliando ainda mais o conceito, unindo Antigo e Novo Testamentos numa única lógica.

Mas essa leitura costuma ser vista com desconfiança na academia, desde que no século 19 prevaleceu a abordagem diacrônica, na qual mais importante é refazer a constituição do texto, sua historicidade e assim compor uma história da redação. Com isso as teologias devem ser analisadas cada uma no seu próprio contexto histórico e social. Pensar na Bíblia como um grande conjunto literário completo passou a ser considerado uma ingenuidade de quem não teve acesso ao conhecimento sobre a história do texto.

Para contrapor esta visão, diversos comentaristas e acadêmicos têm tido a coragem de assumir a abordagem sincrônica como meio de acesso ao texto, considerando a ideia da Bíblia como literatura. Não vamos aqui tratar dessa teoria, mas apenas indicar a possibilidade dessa abordagem de modo acadêmico e, ao mesmo tempo, respeitar a tradição da leitura linear do texto bíblico.

O que torna possível a leitura sincrônica da Bíblia é, em primeiro lugar, o fato de que ela é uma obra literária, com todos os gêneros e normas vinculadas típicas deste tipo de produção. Por outro lado, pode ser vista como um conjunto de códigos, como afirma Northrop Frye, a partir da compreensão de Blake de que “o Antigo e o Novo Testamentos são o Grande Código da Arte” (FRYE, 2004, p. 15). Para Frye, a forma final na qual a Bíblia se encontra não é obra de acaso, pois mesmo que seja “o produto final de um processo editorial muito longo e complexo, esse produto deve ser examinado à luz de sua própria existência” (FRYE, 2004, p. 16).

Um segundo aspecto que possibilita essa leitura é a longa tradição medieval e mesmo da Reforma, que encontraram na tipologia e alegoria os modelos mais adequados para interpretar o texto. Curiosamente, essa maneira de interpretar a Bíblia é, ainda hoje, a mais usual entre as congregações onde leigos e leigas (no sentido de não terem formação acadêmica) têm espaço privilegiado para a proclamação da palavra.

Um aspecto da leitura sincrônica que nos interessa é a intertextualidade, ou seja, a verificação de relação entre textos próximos ou não, independente da ordem de produção. Segundo Paulo Proença, desde os anos de 1960 “entendia-se o termo como cruzamento de superfícies textuais, cujo resultado é a absorção e a transformação de outros textos” (PROENÇA, 2015, p. 33). No caso de nosso texto é bastante claro que Gênesis foi escrito antes de Atos dos Apóstolos, logo podemos afirmar que o relato do Pentecostes em At 2 é derivado do relato da Torre de Babel, ou ainda, dialoga com ele, bem como com outros similares. Analisaremos cada narrativa de forma individual para então fazermos uma comparação tipológica da relação entre eles.

2. A Torre de Babel e a comunicação desagregadora

a. Texto de Gn 11,1-9:

¹Toda a terra tinha a mesma língua, e todos usavam as mesmas palavras. ²E aconteceu que saindo alguns do Oriente, encontraram uma planície na terra de Senaar¹, e ali habitaram. ³E disseram uns aos outros:

- Vamos fazer tijolos incinerados na fornalha.

E o tijolo serviu para eles como pedra, e o piche como o barro. ⁴Então disseram:

- Vamos edificar para nós uma cidade e nela uma torre cujo topo chegue aos céus e assim tornar conhecido o nosso nome, para não nos espalharmos pela terra.

⁵E desceu Javé para ver a cidade e a torre que as pessoas estavam edificando. ⁶E disse Javé:

- O povo é um só, e falam a mesma linguagem. Isto é só o começo do que podem fazer. Agora não será impossível para eles fazer tudo o que quiserem. ⁷Vamos descer e misturar a linguagem deles ali, para que não entendam a linguagem uns dos outros.

⁸Então Javé espalhou-os pela face da terra, e assim pararam de edificar a cidade. ⁹Por isso chamou a cidade de Babel, porque ali Javé confundiu a linguagem de toda a terra e a partir dali Javé espalhou-os sobre a face da terra.

1. Algumas traduções trazem “Sinar”.

b. Análise da narrativa

A história da Torre de Babel começa como uma típica narrativa etiológica, procurando explicar a origem de alguma situação ou estrutura. No caso o que está em jogo é a existência de muitos idiomas, linguagens, e, conseqüentemente, culturas. O narrador é onisciente e nos informa da situação da seguinte maneira: “*Toda a terra tinha a mesma língua, e todos usavam as mesmas palavras*” (v. 1). Esse início serve como espécie de título do que irá acontecer, assim como ocorrem em outras narrativas de começos que fazem parte do livro do Gênesis. Neste contexto pós-diluviano o texto mostra um cenário onde as pessoas falavam todas a mesma linguagem e por isso não havia a diversidade cultural, já que

linguagem, é claro, é reconhecida pelos sociólogos e antropólogos como uma das marcas primárias de uma cultura específica, da tradição cultural, ou do grupo étnico. É uma característica proeminente pela qual uma cultura ou grupo étnico particular constrói sua identidade e distingue a si mesmo de outros (HIEBERT, 2007, p. 47).

Os personagens da trama são anônimos. Só o que se sabe é que eles vêm do Oriente, ponto de origem do grupo que fala a mesma linguagem. Ao encontrar um ambiente que os agrada decidem iniciar construções com novos materiais. Assim, os versos 1 a 4 expressam o projeto humano de deslocamento exploratório para um lugar ideal, onde forma um assentamento fixo e bem delimitado. Na verdade, se lermos Gn 10,8-10, veremos que Babel já é citada como uma cidade dominada por Nemrod, um caçador de alta fama. Parece que esse trecho anterior é uma prolepse do que vai ser relatado no capítulo 11. Mesmo assim, o texto em si não deixa transparecer uma situação de comando central, pois as pessoas agem em conjunto e todas as ações são colocadas no plural. Seja como for, está em jogo aqui o desejo humano, como um todo, de se estabelecer e autodeterminar sua vida.

Além deles, Javé é o outro personagem que “desce” à terra para ver que tipo de empreendimento as pessoas (lit. “filhos dos homens”) estavam fazendo. O v. 5 pode ser entendido como a segunda parte da história, que mostra a reação divina à ação humana. O texto mostra a surpresa de Javé quando percebe que a humanidade conseguiu dominar o fogo e com o uso dele passou a fazer construções mais sofisticadas. Já não eram de pedra e barro, mas de tijolo e piche (no texto da LXX aparece a palavra *asphaltos*). Diante disso, parece que Javé fica preocupado com as múltiplas possibilidades que a humanidade teria a partir daí. Aquele ser criado de forma limitada e dependente não só se torna totalmente independente como ameaça o poder de Javé, construindo uma torre imensa que chegaria ao céu.

A narrativa parece mostrar que a origem do problema não está no desejo de alcançar o céu, mas de todos falarem a mesma linguagem. Talvez isso indique o nível de maldade a que teriam alcance quando reuniam a mesma linguagem – o mesmo modo de pensar e falar sobre o mundo – com os ideais comuns, que

neste caso eram de fama e o desejo de se tornarem grandes. Em termos mais atuais, orgulho, exploração, dominação e poder, elementos que continuam a fascinar pessoas e nações inteiras. Linguagem e projeto político parecem andar de mãos dadas, segundo esta narrativa. Não por acaso o nome está associado a uma cidade que existiu realmente, Babel ou Babilônia, que significa “Portal de deus”. O desejo de chegar aos céus passa a ser sintoma e não causa. Claro que a raiz de tudo está na maldade no coração humano, expresso nos sentimentos de poder referidos acima. Mas para Deus, na perspectiva do narrador, se o povo continuar com essa união tudo pode piorar ainda mais.

Historicamente, Babel ou Babilônia era uma cidade imponente, que enchia a imaginação dos povos vizinhos sobre o que é o poder e a fama. Mesters e Orofino descrevem a geografia da cidade:

A cidade tinha construções imponentes. Seus jardins suspensos eram considerados uma maravilha do mundo antigo. A maior construção da Babilônia era uma torre construída no centro da cidade, sobre um templo muito antigo. Na época do Exílio da Babilônia, os exilados contemplavam esta torre, chamada de *Etemenanki*, nome que significa “o alicerce do céu e da terra” (MESTERS; OROFINO, 2007, p. 73).

Dessa forma pode-se dizer que “a torre simbolizava as conquistas e o império de Nabucodonosor” (MESTERS; OROFINO, 2007, p. 73). Considerando que o relato de Gn 11 deve ter sido escrito neste período, fica bastante evidente o motivo daquela torre primordial ser nominada de Babel. Não foi mera coincidência.

Assim, o relato, além de ser uma explicação para a origem dos diferentes idiomas, é uma denúncia contra o desejo de poder sem medida, da exploração e da dominação de um povo sobre os demais. Dessa forma, a ação de Javé, após consultar sua corte celestial, em “confundir a linguagem” e depois “espalhar o povo pela face da terra”, mostra um desígnio de dificultar a ação predatória do ser humano, que vai além do instinto de sobrevivência, mas que se firma no acúmulo e dominação. A dispersão da língua e dos agrupamentos humanos pode caracterizar a denúncia contra qualquer tipo de império dominador, como foi Babilônia, em que a língua e a cultura dominante se sobrepõe à diversidade dos pequenos grupos sociais. Libertos dessa dominação, os grupos podem florescer com sua língua e cultura próprias. Daí vem a inabilidade para a comunicação efetiva entre os povos e pessoas. A confusão seria em si uma punição divina sobre o intento do ser humano. A comunicação, um meio de exploração e dominação, e não de diálogo e igualdade.

Uma interpretação alternativa para a “mistura de línguas” foi proposta por Theodore Hiebert (2007). Para ele, o foco da história não está nem na torre, nem na punição da parte de Javé pelo desejo humano de conquista, e sim no desejo de

se estabelecer num único lugar, falando apenas uma língua. Segundo ele, o foco deve estar na expressão “o povo é um só”, indicando a homogeneidade cultural e linguística que as pessoas consideraram o modelo a ser estabelecido.

A intervenção divina seria então o desejo de gerar a multiplicidade cultural, quebrando a ideia de uma homogeneidade. No texto isso fica evidenciado pela determinação de Javé em misturar (*balal*) as línguas, tornando a comunicação complicada. Mas Hiebert insiste que não é uma ação punitiva, apenas uma determinação divina para que o ser humano pudesse crescer em diversidade. Por isso mesmo Javé complementa sua determinação, espalhando as pessoas pela face da terra, separando-as não só culturalmente, como também geograficamente.

Para nossa proposição, entendemos que a interpretação mais tradicional não se opõe à ideia do desenvolvimento multicultural como vontade divina. Pelo contrário. Pensemos que, se Javé viu algum risco na força unitária dos seres humanos, foi porque viu sua maior fraqueza: ao falarem todos a mesma linguagem, não havia diversidade. Era uma comunicação pobre, sem diálogo de fato, feita de decisões arbitrárias e voltadas apenas para conquistas e poder. O ideal de ficarem todos no mesmo lugar, crescendo apenas em direção ao céu, mostra que deixaram de ver o mundo ao redor como espaço de desenvolvimento e liberdade. E neste processo os impérios são criados, especialmente na Antiguidade, porque tinham em alguma cidade o centro de seu poder, que irradiava para os lados pensando apenas em dominá-los para manter a riqueza da capital.

A ação de Javé, nestes termos, não é exatamente punitiva, mas preventiva. Ele não está declarando que a diversidade cultural e comunicativa é uma maldição, pelo contrário, é uma bênção divina imposta ao ser humano que não tem consciência dessa riqueza. A multiplicidade de culturas no mundo é sinal da graça divina que atua em favor do ser humano, mesmo quando se coloca contra ele. Numa imagem muito simplória, seria como o pai que segura a mão de uma criança antes que ela a coloque numa tomada. É uma oposição amorosa, que tem a compreensão plena das necessidades dos seus filhos e filhas. Infelizmente, o desejo de poder e dominação não deixaram de existir, mesmo com a divisão das línguas. Ou seja, ela não foi de fato um antídoto completo, mas a diversidade dificulta a realização de projetos hegemônicos totalitários. A história assim o demonstra. Mesmo os grandes impérios colapsaram e grandes guerras foram encerradas por alianças de povos diferentes que buscaram algo em comum.

Esta é a grande mensagem da Torre de Babel: a união nem sempre representa o bem; a diversidade não representa o mal em si mesma. E a comunicação entre as pessoas pode ser agregadora ou desagregadora, dependendo do que se deseja alcançar a partir das palavras.

3. A glossolalia em At 2 como recuperação da comunicação positiva

a. Texto de At 2,1-13

¹E ao completar-se o dia de Pentecostes estavam todos juntos no mesmo lugar. E de repente veio do céu um som semelhante como de um vento forte e encheu toda a casa onde estavam assentados. ²E apareceram distribuídas entre eles línguas como de fogo e pousou sobre cada um deles, ³e todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito dava a eles para falarem.

⁴E estavam residindo em Jerusalém judeus, homens piedosos de toda nação debaixo do céu. ⁵E vindo esse som, reuniu-se a multidão e ficou confusa, porque ouviam cada um deles falando em sua própria língua. ⁶E ficaram espantados e se admiravam dizendo:

- *Vejam, não são todos estes galileus?* ⁷Como nós ouvimos cada qual na nossa própria língua materna? ⁸Partos e Medos e Elamitas e os que habitam a Mesopotâmia, Judeia e também Capadócia, Ponto e a Ásia, ⁹Frigia e também Panfília, Egito e as regiões da Líbia próximas a Cirene; e os romanos residentes, ¹⁰tanto judeus quanto prosélitos, cretenses e árabes, os ouvimos falando nas nossas línguas os grandes feitos de Deus.

¹¹E todos ficaram espantados e estavam perplexos, cada um perguntando aos demais:

- *O que isto quer dizer?*

¹²Mas outros, ridicularizando, diziam:

- *Estão embriagados de vinho novo.*

b. Análise da narrativa

A narrativa da descida do Espírito Santo em Atos é marcante e emblemática. Se a morte e a ressurreição se deu na Páscoa, Atos mostra que a descida do Espírito aconteceu quando completou-se o dia da festa judaica de *Shavuot*. Esta festa era celebrada 50 dias após a Páscoa, daí seu nome em grego. O significado desta festa tinha passado de uma celebração da colheita do trigo (cf. Ex 23,16) para a celebração do evento da aliança no Sinai, fato que ocorreu após o exílio babilônico, no século 2 aC. Como nos informa Fabris, “as antigas versões litúrgicas, os *targumim*, e os comentários judaicos antigos releem o acontecimento do Sinai nesta perspectiva: aos pés do Sinai é convocado o povo de Israel, o povo de Deus, junto com todos os povos para receber a lei” (FABRIS, 1991, p. 61). Pensando neste paralelo com o Sinai, a descida do Espírito no Pentecostes pode ser vista como a Epifania divina se manifestando para selar a nova aliança. Entretanto,

Michel Gourgues entende que “é preciso reconhecer que o relato de At 2,1-41 não contém nenhuma alusão explícita nem à Aliança do Sinai, nem à entrega da Lei. No entanto, a maneira de narrar, bem como alguns elementos do relato, talvez façam a elas referência implícita” (GOURGUES, 1987, p. 27). Sobre isso falaremos posteriormente.

Muitas pessoas migravam para Jerusalém desde a Páscoa e permaneciam na região para celebrar ambas as festas. Vinham de diferentes partes da Diáspora, as colônias judaicas fora de Israel. Ao colocar o evento do Espírito na festa do Pentecostes, o autor de Atos (que vamos chamar de Lucas²) quis dar uma dimensão especial a esse evento. Algo como a nova aliança se cumprindo nos discípulos e discípulas de Jesus de Nazaré, aquele que morrera, mas ressuscitou. Confirmação disso é o discurso posterior de Pedro, que associa o evento que acabara de acontecer com a profecia de Joel sobre o derramar do Espírito (cf. At 2,17-21 citando Jl 2,28-32).

O narrador relaciona diretamente uma coisa com a outra, mas de uma maneira peculiar. Ele diz: “*E ao completar-se o dia de Pentecostes estavam todos juntos no mesmo lugar. E de repente veio do céu um som semelhante como de um vento forte e encheu toda a casa onde estavam assentados*” (v. 1). Ao informar que estavam todos no mesmo lugar, ele quer demonstrar a unidade daqueles que esperavam o derramar do Espírito. Atos vai mostrar que em várias ocasiões similares ocorreram outras manifestações especiais do Espírito, por exemplo, em At 10,44-48, na casa de Cornélio, considerada por alguns como o Pentecostes dos gentios.

No evento de Jerusalém, o que marca é o fenômeno da glossolalia, o falar em outras línguas, em contraponto ao fenômeno da audição coletiva. Sobre a glossolalia, o v. 4 diz: “*e todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas [lalêin hetérais glôssais], conforme o Espírito dava a eles para falarem*”. A história da interpretação tem apontado diferentes possibilidades para este trecho: seriam outros idiomas humanos, que a princípio as pessoas ali não sabiam falar e começaram a falar delas pelo dom do Espírito? Ou seriam línguas totalmente desconhecidas, resultado do transe extático que estavam experimentando? Na experiência e compreensão de grupos evangélicos pentecostais, as duas hipóteses são aceitas. Paulo Nogueira entende que, quando Lucas une a experiência interna do derramar do Espírito com o evento externo da mobilização popular e a evangelização desse grupo (cf. o discurso de Pedro em At 2,14-41), ele desloca o contexto da glossolalia, tirando o efeito extático. Para ele, “a segunda parte do relato explica quais eram essas línguas:

2. Tomaremos aqui a ideia comum de que o autor de Atos é o mesmo do Evangelho de Lucas, numa obra em dupla dimensão. Mesmo sem termos certeza completa de sua identidade, a denominação de Lucas como autor é considerada tradicional e não altera de fato a leitura do texto.

idiomas falados por judeus e prosélitos que estavam em Jerusalém por ocasião da festa” (NOGUEIRA, 2003, p. 60).

Entretanto, diante da necessidade de Pedro explicar que as pessoas não estão embriagadas com vinho às nove da manhã (terceira hora do dia), “é possível também entender desta palavra de Pedro como admitindo que o êxtase provocado pelo Espírito, acompanhado talvez por sons e gestos desengonçados, poderia ter provocado uma compreensão equivocada do fenômeno por seus ouvintes” (NOGUEIRA, 2003, p. 60). Dessa perspectiva pode-se inferir que o fenômeno da glossolalia ocorreu em meio a uma irrupção do Espírito que causou diversas reações nas pessoas. Por isso, tanto dá a entender que falavam outros idiomas quanto em idiomas desconhecidos.

Na segunda parte do relato (v. 5-13) há uma mudança de perspectiva. Enquanto na primeira o foco está nos homens e mulheres tomados pelo Espírito, na segunda passa a ser o público ao redor e sua reação ao evento, preparando para a evangelização que irá acontecer. E nesta mudança está o milagre da audição: “*Como nós ouvimos cada qual na nossa própria língua materna?*” (v. 8). A partir daí começam a enumerar a origem de cada um, indicando pontos diversos do império romano, inclusive da própria cidade de Roma. Para Gary Gilbert (2002), essa lista reflete uma lista utilizada na propaganda do império romano para mostrar as nações dominadas por ele. Desse modo, haveria uma sub-versão da lista, indicando que o Evangelho e a nova aliança alcançaram a todas as nações no derramar do Espírito em Pentecostes.

O ponto que mostra isso é o questionamento a respeito do conteúdo das falas: “*os ouvimos falando nas nossas línguas os grandes feitos de Deus*” (v. 11b). Tudo indica que, apesar de uma aparente mixórdia de vozes e sons, o conteúdo estava claro para cada um. Neste ponto é que reside o milagre da audição. Numa situação convencional, em um salão com 120 pessoas (o número indicado por Lucas em At 1,15), se todas começarem a falar ao mesmo tempo, mesmo que em um único idioma, dificilmente alguém de fora poderá reconhecer o que está sendo dito. Quanto mais se as pessoas estão falando em diversos idiomas, inclusive em línguas estranhas à linguagem humana. Mesmo assim aqueles ouvintes conseguiam compreender o que era dito por aqueles 120. E o conteúdo tinha como tema “os grandes feitos de Deus”, ou seja, a Boa Notícia da salvação de Deus em Cristo Jesus. O discurso de Pedro em 2,22-36 deixa isso bem evidente.

Considerando essa interpretação, percebe-se que Lucas tinha diversas intenções na redação do texto, da forma como foi composto e organizado. Se por um lado queria mostrar a chegada do Espírito na comunidade, indicando que os cristãos desde o início tiveram experiências carismáticas, por outro deseja mostrar o impacto desse evento para os de fora, como instrumento de evangelização, mas que de forma cifrada torna-se também uma severa crítica ao império romano, ou ainda, uma fina ironia de como Deus atua contra os poderosos sem que eles percebam.

4. Torre de Babel e Pentecostes como tipo e antítipo

Diante da análise de At 2,1-11 fica a pergunta: Será que Lucas tinha o relato de Babel em mente no momento em que escreveu esse relato? Ou mesmo do Sinai? Como o relato do Pentecostes em At 2 se relaciona com estes dois relatos presentes no Pentateuco, em especial com o de Gn 11,1-9?

Sobre o Sinai, a opinião que alguns autores indicam é que o relato da entrega da Lei seria, já no Pentateuco, um antítipo da história da Torre de Babel. No texto em si de Êxodo não se tem essa impressão; ela é insinuada pela interpretação rabínica expressa na Midrax Rabba Êxodo 5,9:

Quando Deus deu a Torá sobre o monte Sinai, fez aparecerem a Israel maravilhas inéditas, com sua voz. O que aconteceu? Deus falou com sua voz e sua voz ressoou através do mundo. Rabi Johanan diz que a voz de Deus, conforme era emitida, dividia-se em setenta vozes, em setenta línguas, para que todas as nações pudessem compreender. Quando cada nação ouviu a voz em sua própria língua, sua alma foi-se embora, à exceção de Israel, que ouviu, mas não se comoveu (Apud GOURGUES, 1990, p. 28).

Quem expressamente interpretou este evento do Sinai como uma anti-Babel foi Fílon de Alexandria. Em sua interpretação de Ex 19,8 ele afirma: “O mais admirável é o concerto unânime em que o povo inteiro, em uníssono, chegou a exclamar: Tudo o que Deus disse, nós o faremos” (apud CHARPENTIER (org.), 1983, p. 42). Para os comentaristas de Atos, Lucas faz uma síntese do evento do Sinai com o de Babel, ao mesmo tempo anunciando a nova aliança e o anti-Babel. Fabris deixa evidente essa interpretação:

Aparece claramente o horizonte universal e ecumênico do novo povo mobilizado pela força unificante do Espírito. Poder-se-ia ver neste elenco de povos, reunidos para escutar a voz do Espírito na própria língua nativa, uma referência à dispersão dos povos e à confusão das línguas depois de Babel (Gn 11,1-9). A humanidade, dispersa e dividida depois da tentativa de construir um imperialismo religioso-político, é reunida pela força do Espírito que unifica os diferentes grupos humanos, respeitando e promovendo as características culturais, das quais a língua é expressão (FABRIS, 1991, p. 63).

Podemos, então, admitir que At 2,1-13 tem como estrutura formal uma resposta a Gn 11,1-9, sendo seu antítipo, ou seja, a versão inversa e com objetivo oposto. Vejamos um quadro onde esses aspectos serão comparados:

Gn 11,1-9 (tipo)	At 2,1-11 (antítipo)
As pessoas falam a mesma língua e se estabelecem no mesmo lugar.	Homens e mulheres se reúnem no mesmo lugar e falam a mesma língua.
O desejo delas: construir uma cidade e uma torre para alcançar o céu.	O objetivo delas: buscar a Deus no céu por direção na terra.
Javé desce e decide confundir as línguas.	O Espírito de Deus desce e concede novas línguas.
As pessoas não conseguem mais se compreender: mistura de linguagens. A comunicação é quebrada.	Ouvintes do evento conseguem compreender em sua própria língua: harmonização na linguagem. A comunicação é restaurada.
Javé espalha as pessoas pela terra. Dessa forma cria a diversidade de línguas e culturas.	As pessoas que ouvem as vozes vêm de diferentes nações, representando a totalidade do mundo habitado. O Evangelho fala na diversidade de línguas e culturas.

Considerações finais

Na leitura sincrônica de Gn 11,1-9 e At 2,1-13 percebemos que no todo da Bíblia expressam-se mensagens complementares, respostas a questões anteriores, mostrando a ação divina em favor das pessoas, sempre com o intuito de espalhar sua misericórdia e justiça. Se pensamos na comunicação humana, vemos que na Torre de Babel ela tem como premissa o domínio de uns sobre outros, no desejo de conquista e poder, sem admitir a diversidade e pluralidade cultural. A ação divina, mais que uma punição, é um ato pedagógico de estimular a multiplicidade étnica, linguística e cultural, indicando que ela é salutar para a existência humana. O diálogo e a comunicação efetiva devem ocorrer neste contexto. As diferenças culturais não são de fato barreiras ou obstáculos ao diálogo, mas pontes, horizontes a serem alcançados, possibilidades de crescimento e ecumenicidade.

Prova disso é a forma como a descida do Espírito Santo se dá em At 2,1-13. No relato do Pentecostes, Deus demonstra como a diversidade não é obstáculo, mas ponte. O Evangelho é aplicável a todas as culturas e localizações geográficas, e em sua universalidade aponta para a unidade humana em meio à diversidade. Essa diversidade, expressa na língua, na formação étnica, social e de costumes, pode ser harmonizada ao projeto do Evangelho. O cuidado que temos que ter é não buscar de novo a uniformidade como ideal dos povos e da história. A uniformização é inimiga da pluralidade vital que permeia a dimensão humana desde sempre, a exemplo do que ocorre na natureza, seja no mundo vegetal ou animal. Mesmo dentro de uma determinada cultura é possível perceber a diversidade no modo de

vestir, nos costumes familiares, na sexualidade, nas opções ideológicas e políticas. Enquanto houver respeito por cada uma, o Evangelho será uma realidade vivencial, pois cada um e cada uma, em sua própria língua/cultura/formação entenderá que ali se expressam “os grandes feitos de Deus”.

Assim, podemos ver as narrativas da Torre de Babel e do Pentecostes de At 2 como expressões conjuntas a respeito da comunicação humana, em um caso direcionada por ambições negativas humanas e no outro pela vontade divina em conjugação com o coração humano aberto a esse diálogo. Em tudo sempre se percebe essa interação humano/divina. É preciso cuidar para que nossa comunicação seja efetiva, libertadora e voltada para unir as pessoas em torno do ideal do Evangelho, da Boa-Nova que a todos e todas deseja alcançar.

Bibliografia

- CHARPENTIER, Etienne (Org.). *Uma leitura dos Atos dos Apóstolos*. Cadernos Bíblicos 19. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- ESLER, Philip Francis. *Community and gospel in Luke-Acts*. The social and political motivations of Lucan theology. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- FRYE, Northrop. *O Código dos Códigos*. A Bíblia e a literatura. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GILBERT, Gary. “The List of Nations in Acts 2: Roman propaganda and the Lukan Response”, in *Journal of Biblical Literature*, Vol. 121, n. 3 (Autumm, 2002), p. 497-529.
- GOURGUES, Michel. *Atos 1-12. Missão e comunidade*. Cadernos Bíblicos 49. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- HIEBERT, Theodore. “The Tower of Babel and the Origin of the World’s Cultures”, in *Journal of Biblical Literature*, Vol. 126, n. 1 (Spring, 2007), p. 29-58.
- MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *A Terra é nossa mãe*. Gênesis 1–12. São Leopoldo: CEBI, 2007.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- PROENÇA, Paulo Sérgio de. *Sob o signo de Caim*. Machado de Assis e a Bíblia. São Paulo: Biblioteca 24horas, 2015.

Marcelo da Silva Carneiro
Rua Felipe Sabagg, n. 47, Ap 4
09400-130 – Centro – Ribeirão Pires, SP
E-mail: prmscarneiro@yahoo.com.br